

**PRODUÇÃO
ACADÊMICA
EM ESTUDOS ESLAVOS
NO BRASIL: BALANÇOS E
PERSPECTIVAS PARA
O FOMENTO DE NOVAS
PROPOSTAS DE
COOPERAÇÃO
INTERNACIONAL**

**PRODUCCIÓN ACADÉMICA EN ESTUDIOS ESLAVOS EN BRASIL: BALANCES Y
PERSPECTIVAS PARA LA PROMOCIÓN DE NUEVAS PROPUESTAS DE COOPERACIÓN
INTERNACIONAL**

**ACADEMIC PRODUCTION IN SLAVIC STUDIES IN BRAZIL: BALANCES AND PERSPECTIVES
FOR THE PROMOTION OF NEW PROPOSALS FOR INTERNATIONAL COOPERATION**

Milan Puh*

Universidade de São Paulo

Cibele Krause-Lemke**

Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná

* Docente do Curso de Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), atuando nas disciplinas de Metodologia de ensino do Alemão e Línguas Orientais. Pós-doutorado pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO). Membro do grupo de pesquisa "Imagens de Língua". E-mail: milan.puhl@gmail.com.

** Docente do Curso de Letras, dos Programas de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO). Pós-Doutorado pela Universidade de Southampton, Inglaterra. Lidera o grupo de pesquisa "Língua, Imigração e Identidade". E-mail: cibelek1@gmail.com.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar e discutir o campo de estudos eslavos na universidade brasileira, enfocando a produção docente de um programa de pós-graduação (mestrado) e um núcleo de estudos em uma região com população eslava significativa. A produção foi inicialmente catalogada e categorizada na forma de um mapeamento temático, seguido da análise discursiva e conceitual inédita, definida como *dezescrita* (BARZOTTO; RIOLFI, 2014). A pesquisa resultou em um inventário bibliométrico e cienciométrico em que se mapeou a produção docente do programa e do núcleo; identificou áreas correlatas da produção acadêmica local, nacional e internacional com as quais as linhas de pesquisa do programa e do núcleo mais se articulam. A partir dessa trajetória reforçamos a hipótese da necessidade de criação de balanços acadêmicos internos que possibilitariam uma melhor formação discente, maior valorização e divulgação do conhecimento produzido e, a partir daí, a criação de novas propostas de internacionalização de universidades brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Produção de conhecimento. Universidade. Ensino de línguas. Eslavos.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo presentar y discutir el campo de los estudios eslavos en la universidad brasileña, centrándose en la producción docente de un programa de posgrado (maestría) y un centro de estudios en una región con presencia significativa de población eslava. Inicialmente, la producción fue catalogada y categorizada como un mapeo temático; seguido del análisis discursivo y conceptual inédito, definido como *dezescrita* (BARZOTTO; RIOLFI, 2014). La investigación dio como resultado un inventario bibliométrico y cienciométrico en el que se mapeó la producción docente del programa y del núcleo; se identificaron áreas afines de producción académica local, nacional e internacional con las que más se articulan las líneas de investigación del programa y del núcleo. A partir de esta trayectoria, reforzamos la hipótesis de la necesidad de crear balances académicos internos que permitan una mejor formación de los estudiantes, una mayor valorización y difusión del conocimiento producido y la creación de nuevas propuestas de internacionalización de las universidades brasileñas.

PALABRAS CLAVE: Producción de conocimiento. Universidad. Enseñanza de lenguas. Eslavos.

ABSTRACT: This article aims to present and discuss the field of Slavic studies within the Brazilian university, focusing on the production of the teachers of a postgraduate program (master's degree) and a study center in a region with a significant Slavic population. The production was initially cataloged and categorized as a thematic mapping; followed by as of yet unknown discursive and conceptual analysis, defined as *unwriting* (BARZOTTO; RIOLFI, 2014). The research resulted in a bibliometric and scientometric inventory in which the production of the teachers of the postgraduate program and the study center was mapped; it identified correlated areas of local, national and international academic production in which the program's and study center's research lines are most closely articulated. From this trajectory we reinforce the hypothesis of the need to create internal academic balances that would enable a better education of students, greater valorization and dissemination of the knowledge produced and the creation of new proposals of internationalization of Brazilian universities.

KEYWORDS: Knowledge production. University. Language teaching. Slavs.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tendo em vista o cenário multiétnico que compõe o território brasileiro, esta pesquisa se ocupa em estudar uma parcela, até então, pouco divulgada/tratada nos estudos em ensino de línguas. Trata-se dos estudos que abordam a temática eslava em contexto brasileiro. A escolha dessa temática como um campo de estudo e sua relação com o ensino deve-se ao fato de que o elemento eslavo é uma das características particulares das regiões sudeste e centro-sul do Paraná, constituídas por 47 cidades e 7 microrregiões: Irati, Prudentópolis, São Mateus do Sul, União da Vitória, Guarapuava, Palmas e Pitanga, com uma população de 949 mil habitantes, segundo o levantamento do IBGE em 2016, e onde se situa a universidade que serve de base para esta pesquisa.

Nesse sentido, nosso objeto de estudo centra-se na análise da produção acadêmica de docentes vinculados ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Centro-Oeste do Paraná (Unicentro), o qual é composto por duas linhas de pesquisa: “Educação, Cultura e Diversidade” e “Políticas Educacionais, História e Organização da Educação”. Além disso, detemo-

nos em trabalhos publicados pelo Núcleo de Estudos Eslavos (NEES), no qual atuam doze docentes com uma considerável produção sobre esse tema e com vínculos metodológicos e conceituais com o PPG. Temporalmente, circunscrevemos a produção relevante de seus docentes desde a criação do programa em 2012 até 2019. A seleção desse grupo como o foco se deve ao fato de ele ter se mostrado o principal articulador de tendências e propostas de pesquisa, direcionando e orientando a produção discente do programa, e coordenando revistas, pesquisas e suas linhas. Faz-se importante lembrar que o processo de incorporação de línguas eslavas no escopo da atuação da Unicentro tem se acelerado nos últimos anos por meio das parcerias com as universidades de diversos países eslavos: Polônia, Ucrânia, Sérvia, Croácia, Montenegro, convênios e intercâmbios dos universitários, inserção gradual de ensino do ucraniano e do polonês nas atividades e nos cursos da instituição, projetos de pesquisa que levam em consideração as línguas faladas na região e seu ensino e mapeamentos de seus legados. Cabe ressaltar que um investimento maior na formação de profissionais acadêmicos proficientes em línguas eslavas poderia ajudar a atenuar uma das razões que Sidone, Haddad e Mena-Chalco (2016) citam como responsáveis por pouca colaboração internacionais – a existência de barreiras linguísticas e culturais que dificultam a interação com parceiros estrangeiros.

Levando em consideração os fenômenos da atualidade, tais como:

- a) a globalização, efetivada pelos suportes para a comunicação em massa e pelas necessidades constantes de troca de informações, pessoas, mercadorias etc., criando mais interconexões entre as nações (LEASK, 2009);
- b) o avanço do neoliberalismo, destacando-se a individualização maior dos sujeitos no contexto mundial e a precarização do patrimônio público, como observam há algum tempo Teixeira e Oliveira (1998), acompanhado pelo
- c) aumento de sentimentos nacionalistas em resposta às crises econômicas (BRESSER-PEREIRA, 2008), e em consonância com os outros dois fenômenos mencionados, com a negação do caráter multi/pluricultural das atuais sociedades, podemos apontar para o contexto em que se insere o processo de internacionalização do ensino superior, caracterizada pelo aumento nos investimentos e na importância dada às produções e articulações no contexto internacional (BOURN, 2011). Mais recentemente foram publicadas pesquisas sobre o processo de internacionalização de ensino superior e sua relação com o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, como a obra de Amorim e Finardi (2017). Trata-se de pesquisa que leva em consideração os níveis micro, meso e macro de internacionalização, o que pressupõe um olhar mais voltado para questões locais de uma instituição, para a sua articulação no nível estadual e nacional e também para a análise de políticas estatais referentes à internacionalização. Nós, no entanto, consideramos essencial entender a produção local – o chamado nível micro que permitiria criar uma articulação com as tendências (inter)nacionais, isto é, com o nível meso e macro, com o intuito de reforçar a diversidade de aspectos culturais e linguísticos e seu caráter universal. Acreditamos, assim, que, embora estejamos abordando um tema específico de uma região e de uma universidade, é possível traçar reflexões de importância mais universal no que diz respeito ao ensino e à pesquisa acadêmica como caminho para a criação de um projeto de internacionalização diferente do que se procura fazer na atualidade. Esta proposta provém da percepção de que muitas universidades não costumam aproveitar o seu entorno social, cultural e, especialmente, étnico para potencializar o seu processo de internacionalização. Portanto, para que essa nova proposta de internacionalização se efetive, especialmente com relação ao ensino de línguas fora dos centros hegemônicos, é necessário pensar mais amplamente nas comunidades de fala às quais interagem com a universidade, incorporando-as nas suas políticas institucionais e educacionais. É uma dessas propostas que explicitaremos nas páginas abaixo.

Certamente, não se pode negar que existe certa tradição de estudos sobre a produção acadêmica. Assim, pesquisadores como Ferreira (1999, 2002) denominam esses estudos como “estado de arte” ou “estado do conhecimento”. Há ainda autores como Chauí (1999) que apontam para a necessidade de se desenvolver modos de avaliação das universidades que apontariam para a qualidade de sua produção, o que é atualmente intensamente questionado no senso-comum e em algumas esferas políticas. Desse modo, faz-se necessário ter uma metodologia consolidada, o que ajudaria no entendimento do que se escreve e como se escreve em ambiente acadêmico como um dos parâmetros internos regularmente empregados pela Universidade. Cabe comentar, além de fatores sociais, filosóficos e operacionais, os dados estatísticos de citação no contexto internacional, espaço onde a divulgação e acesso à produção acadêmica brasileira ainda não atingiu o patamar desejado¹, o que exige uma melhor articulação interna e também com outros

¹ Em 2016, o impacto de periódicos brasileiros é ainda 14% abaixo da média mundial, somente 32% de colaboração internacional, mais que outros países do BRIC (Rússia, Índia, China), porém longe dos 50% dos países como França, Alemanha e Canadá. O estado brasileiro que mais tem colaboração desse tipo é Rio de Janeiro com 37%, enquanto o Estado do Paraná onde se situa a Unicentro somente 23%. (CROSS; THOMSON; SIBCLAIR, 2018).

países. Se articulada por este viés, esta produção poderia ser mais bem-sucedida a partir de um planejamento e estudo prévio dos pontos e temas em comum. Com isso, podemos afirmar que grande parte do conhecimento produzido nas universidades circula apenas em solo brasileiro, ou ainda, localmente². Reforçamos, portanto, o fato de que uma pesquisa como estado da arte sobre uma determinada língua (e seu ensino) no Brasil seria praticamente uma novidade, apesar de existirem publicações de livros que tratam desse tema, com procedimentos de levantamento e descrição parecidos com o nosso, como os de Mukai, Joko e Ferreira (2012) que traz uma reflexão sobre o estado da língua japonesa no Brasil ou o de Bohunovsky (2011) sobre o ensino de alemão no Brasil. Mesmo assim, esse tipo de pesquisa não realiza estudos sobre a produção acadêmica no que se refere a um grupo étnico, preferindo criar históricos de políticas linguísticas empregadas em determinados períodos, sem incidir muito sobre as possíveis contribuições de um grupo linguístico para alguma instituição brasileira como um outro modo de, inclusive, internacionalizar o seu escopo de atuação e as conexões.

Partimos da hipótese de que oferecer um estado da arte de uma determinada área de conhecimento e seu mapeamento conforme docentes, discentes, grupos e linhas de pesquisa, programas de pós-graduação e núcleos de estudos, melhoraria não só o processo interno de formação dos futuros profissionais da área e o ensino de determinadas temáticas (como a das línguas eslavas na região)³, mas também o processo externo de colaboração com outras universidades (inter)nacionais. Por isso, consideramos que uma proposta como esta pode ajudar na sistematização, debate e auxílio em atividades de ensino e pesquisa complementares ao que já está sendo realizado por universidades brasileiras podendo, apesar do enfoque eslavo, ser útil em outros campos e temáticas. Assim trata-se de uma proposta inovadora que propõe também a elaboração de outro modo de internacionalizar as universidades brasileiras, aproveitando o seu capital social e cultural. Nesse sentido, a nossa pesquisa é parte de uma ação de internacionalização de uma universidade brasileira que ainda não possui um destaque nem no cenário brasileiro e nem no internacional, como é o caso de uma parcela grande de instituições de ensino superior. Socializar esse trabalho é o nosso principal objetivo.

Após esta introdução ao tema, explicitaremos, então, os objetivos norteadores deste artigo: a) apresentar o modo como se criou o inventário descritivo, conceitual e analítico que resultou no mapeamento, disponível para posteriores contribuições e desdobramentos; b) apresentar as características da metodologia de análise de discurso acadêmico (a *dezescreta*) e sua possível circulação; e c) debater acerca do que se consegue *dezescrever* da produção universitária docente acerca do ensino e dos estudos eslavos nas suas interfaces.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Para atender aos objetivos e sustentar a nossa hipótese colocada acima, apresentaremos as nossas considerações metodológicas, iniciando com um postulado básico de Popper (1980), segundo o qual o status científico de uma teoria, isto é, a área de conhecimento, pode se resumir à sua capacidade de ser refutada ou testada. Deixamos claro que o nosso intuito não é questionar ou refutar determinados trabalhos e teorias, mas evidenciar e socializar o trabalho feito na Universidade para que ela, junto com a sociedade e seus atores, possa refletir e debater o que é produzido.

Nesse sentido, entendemos necessário abordar a produção intelectual, baseando-nos em Lourenço (1997), tomando como objeto de estudo a produção documental sobre um determinado assunto de interesse (estudos eslavos) de uma comunidade científica específica (Unicentro) para que auxiliemos no desenvolvimento da ciência e criemos possibilidades de abertura de novos horizontes. Mais especificamente, encontramos respaldo da nossa pesquisa no trabalho de Spera Baraldi (2017) que traz uma discussão sobre a bibliometria como área que possibilita a constituição de categorias e classificações também para as Ciências Humanas e Sociais. Trazemos a visão do autor que a considera como: “[...] essencialmente uma pesquisa exploratória e descritiva, não pretendendo construir sua análise assentada em aparatos estatísticos complexos, mas considerou-se que proceder uma

² Desde 1990, cerca de 70% de produção científica dos países emergentes (aos quais pertence o Brasil) é resultado dos esforços colaborativos entre os pesquisadores locais sem participação internacionais (LETA; CHAIMOVICH, 2002; ROYAL SOCIETY, 2011 *apud* SIDONE; HADDAD; MENA-CHALCO, 2016).

³ Entre os 20 países com os quais mais se faz colaboração internacional no Brasil, das eslavas somente encontramos a Rússia em 15º lugar. (CROSS; THOMSON; SIBCLAIR, 2018).

descrição bibliométrica essencial, propiciaria uma visão abrangente do conjunto de textos, enriquecendo a análise como um todo e auxiliando as conexões com o referencial teórico” (SPERA BARALDI, 2017, p.72).

No sentido de efetuar posteriormente uma análise qualitativa do corpus, o autor divide a análise em três classificações: temática, foco metodológico e abordagem, por sua vez divididas em sete subcategorias para evidenciar aspectos temáticos, formais e analíticos.

Ressaltamos que não se trata de constituir e apresentar os resultados em números para estabelecer generalizações estatísticas, mas, como afirma o pesquisador, “[...] fornecer alguns indícios que consideramos importantes para caracterizar a produção da literatura científica no tema proposto, que podem ser investigados mais além” (SPERA BARALDI, 2017, p.73). Para a classificação temática, são citadas três categorias: qualitativa, quantitativa e mista, algo que, para nós, conforme mencionado, não foi o foco da pesquisa, mas que em outro tipo de levantamento e mapeamento pode ser útil. A segunda envolve o aspecto metodológico que se assenta na divisão entre o empírico e o teórico que já é centro de discussões científicas há séculos, o que levamos para a parte analítica deste trabalho em que trabalhamos com a *dezescrita* (BARZOTTO; RIOLFI, 2014). E, finalmente, a abordagem de quem produz conhecimento separada em duas subcategorias: reflexiva e propositiva, na qual incluímos o nosso levantamento, considerando-as como características não excludentes, porém prevaletentes em determinados contextos.

Comentaremos ainda que não se trata de levantar somente as temáticas e abordagens, mas que desejamos usar isso para definir melhor uma área do conhecimento. Portanto, podemos afirmar que estamos trabalhando também com uma disciplina próxima à bibliometria que tem como objeto análises de campos científicos, chamada de *cienciometria*. Partindo de Spinak (1996), apontamos para o fato de que a *cienciometria* aplica técnicas bibliométricas à ciência, mas, indo além das técnicas, procura examinar o desenvolvimento e as estruturas (políticas, científicas etc.), com o fim de estabelecer políticas de investigação entre os países, incluindo seus aspectos econômicos e sociais.

No entanto, para que seja possível utilizar o mapeamento como base de um plano de ação, entendemos que não se trata só de encontrar, coletar e sistematizar os trabalhos com o objetivo de debater e refletir acerca deles, também se faz necessário aprofundar a análise do conhecimento produzido discursivamente. Para esse fim, empregamos a *dezescrita* do discurso acadêmico, nos moldes definidos por Barzotto e Riolfi (2014). Esse procedimento pressupõe uma modalidade de leitura e escrita que não segue as direções interpretativas dos textos do *corpus* como objetos de estudo e emprega uma análise mais específica do conhecimento produzido, criando novas possibilidades de interlocução e estabelecendo as principais características da pluralidade científica nas abordagens das comunidades eslavas. Portanto, foram elencadas três acepções que entendemos pertencer ao *dez-escrever* (reversão, pluralidade e avaliação positiva). A reversão se realiza em processos de pesquisa considerados concluídos, isto é, publicados para que se possa desfazer as construções intelectuais feitas, “des-escrever” algo já posto e criar algo novo. No caso da pluralidade, presente no numeral “dez” do termo *dezescrita*, procura-se mostrar que existem modos múltiplos de abordar um determinado assunto cujas origens e propósitos devem ser respeitados. Já a avaliação positiva se assenta na nota “dez” que um determinado texto poderia receber se for muito bem escrito, em que o autor mostra a sua excelência acadêmica, explorando-se assim as contribuições que uma publicação pode oferecer para poder socializá-las.

Para tanto, criamos seis categorias de análise, estipuladas numa relação dialética teórico-empírica⁴. Elas nos permitem entender o que chamamos de “pontos nevrálgicos”, nos quais é possível observar diferenças e semelhanças entre as produções que dizem respeito ao elemento eslavo e ao ensino de línguas, bem como construir um debate acerca das características de determinadas linhas de pesquisas, teorias, suas tendências etc. Apresentaremos, então, essas categorias nas alinhas abaixo: localidade, temporalidade, conceito-base, conceito-científico, metodologia e bibliografia.

1. A localidade - engloba diferentes noções de espaço, pois determinada pesquisa pode abordar um ou vários locais, sendo eles locais, regionais ou (inter)nacionais, os quais podem aparecer simultânea ou separadamente. Também notamos a diferença entre local presente e local ausente, pois houve pesquisas que se preocupam com uma localidade concreta, presente na

⁴ Esse procedimento e suas acepções ampliamos durante a participação do projeto “Política linguística no estado do Paraná: línguas de imigração e línguas de fronteira”, CNPq - Processo nº 476204/2013-5 –APQ (2013-2017).

atualidade e, por outro lado, encontramos alguns casos que tratam de lugares que deixaram de existir (ficaram na memória, isto é, no passado) ou foram imaginados pelos indivíduos ou comunidades. Entendemos a localidade também nas escolhas de bibliografias que costumam ser mais em língua portuguesa e de produção nacional brasileira, o que também situa um trabalho. Além disso, já comentamos que existe uma preferência em publicar em revistas do eixo Sul-Sudeste, daí aproximamos esse dado à noção de locais (de divulgação científica) que aparecem nas pesquisas.

2. A temporalidade – intrinsecamente vinculada à categoria anterior, pressupõe diferentes tipos de acontecimentos, recriando ou evidenciando espaços que permanecem no passado e outros que se inserem na atualidade. Por exemplo, quando se trata de políticas linguísticas, é comum encontrar pesquisas que abordam o momento atual e a situação das línguas eslavas e seu ensino, e ao mesmo tempo aparecem outras que tratam do contexto da educação étnica no passado e das inúmeras proibições estatais e resistências articuladas localmente para a preservação das línguas. Ou seja, em muitos casos, para trabalhar com essa área de conhecimento, ligada à etnicidades e/ou à imigração, os docentes lançam mão de diferentes temporalidades sincrônicas e diacrônicas, deixando em certos momentos mais evidentes umas e não outras.

3. O conceito-base – utilizado na pesquisa como fundamento, porém sem articulação com alguma teoria ou teórico específico, formando um “senso comum acadêmico” que, para citarmos alguns exemplos da nossa temática, não exige constantes delimitações conceituais do que seria cultura, étnico, eslavo, língua, fala, tradição. Isso significa que, se nenhum desses conceitos é alvo direto de reflexão analítica ou interpretativa, o seu uso é apresentado como evidente e claro para o público leitor, dispensando espaço argumentativo em que se faria uma reflexão a partir de citações de outrem.

4. O conceito-científico – recebe referências acadêmicas definidas pelo pesquisador para serem posteriormente utilizadas na análise, interpretação ou reflexão, e, portanto, mais detalhadamente descritas. Às vezes esse conceito é o tema ou o objeto de estudo que se tenta definir ao longo do texto, empregando as estratégias discursivas que legitimariam o seu uso e/ou existência.

Esse par de categorias se refere, basicamente, ao modo como um pesquisador conceitualmente elabora a sua pesquisa, visto que existe uma atitude dupla de se pressupor: a) o reconhecimento amplamente consensual de alguns conceitos que, assim, não precisariam de maiores explicações; e b) aqueles que não se consideram evidentes, exigindo uma descrição mais demorada, acompanhada de colocações de outros estudiosos. Os dois conceitos são próximos e concomitantes no seu uso no discurso acadêmico, sendo que o primeiro é normalmente incluído no discurso mencionado como senso comum, enquanto o segundo exige uma articulação maior com as teorias específicas. Faz-se necessário esclarecer que a própria existência desses conceitos não implica em um caráter menos científico, uma vez que não é desejável, nem viável a explicitação científica de todos os conceitos utilizados, mas sim o uso e a predominância de determinada categoria de conceitos, marcada contextualmente. Pensamos que elas só fazem sentido se avaliadas dentro de uma concepção metodológica maior, identificando os espaços que os conceitos tomam e o papel que lhes é atribuído.

5. A metodologia – corresponde aos métodos criados, descritos e abordados em função do *corpus*, procurando compreender as atitudes epistemológicas tomadas ao se aproximar do material de estudo selecionado, o que significa entender qual é o intuito do pesquisador no que diz respeito aos seus dados. Desse modo é possível definir as tendências que regem as investigações científicas e as articulações que o *corpus* recebe dentro de uma determinada metodologia.

6. A bibliografia – tomada como espaço que se cria ao analisar as principais áreas presentes nas obras, permitindo entender de que modo circulam as ideias e teorias e como os pesquisadores se conectam aos demais colegas, grupos e instituições. Essa última categoria nos permite traçar reflexões mais amplas que saem da pesquisa e dos dados observados e se encaminham para contextos universitários (inter)nacionais em suas espacialidades e temporalidades. Essas duas categorias articuladas conjuntamente permitem compreender quais são as metodologias criadas e utilizadas pelos pesquisadores, procurando identificar suas procedências e circulações. À vista disso, futuramente poderão ser feitas pesquisas mais pontuais pelo campo de investigação da formação de professores vinculados aos estudos eslavos, dado que teríamos um entendimento mais integrado da formação profissional universitária, de seus saberes e práticas, considerando as tendências e abordagens dadas no campo de pesquisas em ensino de línguas e avaliando a circulação histórico-geográfica de conceitos dentro dos processos de ensino e aprendizagem.

Também consideramos que essa multiplicidade de categorias ajudará a darmos conta de mostrar que a diversidade da produção acadêmica de uma instituição de ensino superior, inserida fortemente no contexto eslavo, possui características específicas, ao mesmo tempo em que demonstra tendências mais universais, apresentando possibilidades de articulação com outras instituições

(inter)nacionais. Encerrando as nossas observações teórico-metodológicas, aproveitamos o pensamento de Bourdieu (2002) que considera que, para poder interpretar a constituição teórica de uma pesquisa (e nós ampliamos para uma linha de pesquisa ou programa), deve-se necessariamente sair dos limites territoriais e procurar entender as “[...] condições sociais da circulação internacional das ideias” (BOURDIEU, *ibidem*, p. 2), o que o pensador chama de *import-export* intelectual. Por outro lado, o autor argumenta que não existe uma vida intelectual puramente internacional, constatando que existem espaços sociais onde é possível encontrar elementos nacionais, singularidades do contexto brasileiro.

Desse modo, na medida do possível traremos informações contextuais que ajudam a entender a formação da área de estudos eslavos, seu desenvolvimento e estado presente, aproveitando os mapeamentos como procedimento bibliográfico e a *dezescreta* como metodologia de cunho mais cienciométrico. E essa será a divisão da análise que seguiremos abaixo.

3 MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO E SUA RELAÇÃO COM OS ESTUDOS ESLAVOS

Efetivamente, o início do trabalho de mapeamento se deu pelo estudo das metodologias de avaliação científica citadas acima, refletindo sobre os indicadores bibliométricos que virão a ser as categorias de classificação e categorização da produção do programa e do núcleo de estudos. Começamos esta apresentação do procedimento de construção do nosso mapeamento e da metodologia de análise da produção acadêmica com a seleção do *corpus*. Abordamos a produção dos nove docentes da linha de pesquisa 1 – “Políticas Educacionais, História e Organização da Educação” – e dos dez docentes da linha de pesquisa 2 – “Educação, Cultura e Diversidade” – cadastrados no Programa em 2018, totalizando dezenove docentes que atuam no PPGE e, após, também decidimos incluir os doze docentes do Núcleo de Estudos Eslavos da Unicentro. Isso resultou no levantamento da produção acadêmica de trinta e um docentes para os quais supusemos que teriam produção no campo da ensino e/ou estudos eslavos. O mapeamento se deu inicialmente a partir das categorias estipuladas nos próprios trabalhos, inseridas em uma tabela Excel de seguinte modo: autoria, coautoria, ano, tipo de produção (anais, artigo, capítulo, jornal/revista, livro publicado/org., trabalho apresentado ou resumo expandido), local de publicação (cidade), local de publicação (estado), idioma publicado, resumo, palavras-chave. Após essa etapa, acrescentamos as categorias da abordagem bibliométrica: propositiva e reflexiva, e terminamos incluindo aquelas específicas para os estudos eslavos: etnia(s) tratada(s)/língua eslava, relação com produção eslava, relação com produção não eslava – tema geral e observações.

Definido o inventário descritivo, conceitual e analítico da produção acadêmica nessa proposta, levantamos pelos resumos e palavras-chaves – inspirados em publicações críticas como a de Ferreira (2002) – todos os trabalhos que, de modo direto ou indireto, poderiam tocar nos assuntos educação e estudos eslavos. Foram levantados 181 itens entre livros, capítulos e artigos, dos quais aproximadamente 80% estava disponível online, enquanto as demais produções estão em versão impressa, sendo que muitas delas fora do nosso alcance. Aqui se levanta a primeira questão para o trabalho de levantamento e mapeamento da produção de uma área, pois só tivemos acesso livre ao que está no formato virtual disponível na rede⁵ e o próprio mapeamento está presente nesse formato. Isso apresenta facilidade de acesso por interessados fora e dentro do país, ao mesmo tempo em que nos limita a essa plataforma de divulgação, uma vez que seria pouco viável procurar todos os itens impressos pelo fato de serem publicados nas mais variadas instituições brasileiras e internacionais. Também observamos a gradual e quase total substituição da impressão pelas e-publicações eletrônicas, o que oferece uma oportunidade maior de acesso, estimulando a circulação de leituras, escritas, conhecimentos em um ritmo cada vez mais acelerado.

Em termos cienciométricos, observamos uma circulação de ideias muito intensa, embora restrita a cidades, isto é, instituições e suas revistas que estão localizadas no eixo Sul e Sudeste, com predominância da região central do Paraná onde se situa a Unicentro, no caso da linha 1, e com algumas publicações no Nordeste do estado, no que se refere à linha 2. Isso pode estar relacionado com a própria temática dos estudos eslavos cujas comunidades estão predominantemente localizadas nessas duas regiões e também pelos contatos que os docentes mantêm com instituições, influenciados pela formação e área do conhecimento em que atuam. Não

⁵ 74% dos periódicos brasileiros tem acesso aberto e, entre os 100 periódicos com mais citações no Google Scholar, 86% são indexados na SciELO (plataforma que reúne publicações acadêmicas no nível mundial), segundo Packer (2014).

podemos deixar de mencionar que, quantitativamente, há mais universidades nessas regiões, o que aumenta a possibilidade de se publicar alguma pesquisa próxima dos temas em foco aqui⁶.

Outras diferenças entre as linhas podem ser observadas nas abordagens do ensino e dos estudos eslavos, pois a linha de pesquisa 1 – lembrando o seu título “Políticas Educacionais, História e Organização da Educação” – tende a ter docentes com publicações destinadas à educação e suas políticas, sem especificar tanto as etnias e nações que compõem o mosaico da região, algo que possibilita tratar temas mais gerais que tangem ao Brasil e às diferentes camadas societárias no nível de organização e suas políticas. Dá-se enfoque ao contexto rural da região central e meridional do estado, e, por outro lado, encontramos muitas pesquisas preocupadas em entender os fenômenos sócio-históricos em Guarapuava, dedicando bastante atenção à juventude e às políticas públicas que envolvem uma reflexão sobre o trabalho dos docentes em diferentes níveis escolares. Já a linha de pesquisa 2, embora trate também de temas educacionais e da sua relação com o Estado e a escola, oferece um escopo mais amplo de atores e fatores sociais nos quais são explicitados os aspectos étnicos do Paraná e da região mencionada. Como se trata de uma linha de pesquisa intitulada “Educação, Cultura e Diversidade”, notadamente encontramos trabalhos mais voltados para a questão da cultura e da diversidade do povo paranaense, com alguns docentes cuja produção está pontualmente voltada para o mundo eslavo. Encontramos produções que articulam os eslavos com outros grupos étnicos como os quilombolas, colocando esse campo em estudos multi ou pluriculturais de autoria regional (outras comunidades étnicas), nacional e, em grande número, internacional.

Nesse contexto, encontramos também mais uma especificidade dessa linha, pois aparenta mostrar um vínculo diferente com a produção de conhecimento estrangeira, envolvendo diversos elementos que podem ser tangenciados com o local. A coerência temática das duas linhas se evidencia na abordagem da Educação como um espaço em que é possível observar diversos fenômenos e tendências que podem direta ou indiretamente afetar a compreensão do mundo eslavo e suas línguas. Além disso, ambas as linhas demonstram uma predominância de textos reflexivos, com alguns trabalhos mais propositivos presentes na linha de pesquisa 1. Como tratado na introdução deste artigo, a respeito da circulação internacional dos trabalhos, observamos que a maioria dos textos está publicada na língua portuguesa com alguns em espanhol, no caso da linha 2.

Em relação ao Núcleo de Estudos Eslavos, observamos que os trabalhos se agrupam em áreas de estudos históricos, literários e linguísticos, englobando muito do que se estuda nas duas linhas de pesquisa do PPGE da Unicentro, adentrando assuntos, porém, que não tocam diretamente no que se refere exclusivamente às línguas e seu ensino. Isso é mais evidente em docentes que estudam aspectos históricos que dizem respeito aos estudos eslavos, preocupando-se com as comunidades faxinalenses, as quais são definidas como comunidades rurais de uso socializado das terras, com sentimento de pertencimento e memória comum, resultando em uma identidade diferenciada, na qual o fator eslavo é também presente e importante. Assim, os estudiosos publicam trabalhos que não apenas analisam o funcionamento de escolas e do ensino de história, por exemplo, mas também investigam aspectos religiosos, ecológicos, cotidianos e muitos outros que podem contribuir para o entendimento do funcionamento de comunidades eslavas, expandindo-se para um contexto mais amplo ao focalizarem o funcionamento da zona rural paranaense. Enquanto isso, os docentes que se ocupam com a produção literária publicam trabalhos que vão em direção aos projetos nacionais eslavos e brasileiros, realizando também estudos comparativos com autores nacionais e internacionais, o que representa em alguns ambientes de divulgação científica sobre eslavos, como na revista *Slovo no Brasil* e *Mundo Eslavo* na Espanha, um grande lócus de interação internacional.

Nesta parte do mapeamento percebemos escopos diferentes da realidade estudada, pois quem estuda a história apresenta textos mais localmente situados, enquanto quem estuda literatura e linguística tem uma amplitude maior, variando entre as localidades (municípios, comunidades ou regiões) e contextos (inter)nacionais, buscando referências nos países de origem dos grupos eslavos. Falta dizer que nos estudos linguísticos em que encontramos pesquisas voltadas à alfabetização, estudos da fala e variação fonética, também há uma preocupação maior com políticas, isto é, com políticas linguísticas e educacionais que articulam o que acontece

⁶ Por exemplo, em 2009, somente sete universidades das regiões Sudeste e Sul foram responsáveis por cerca de 60% dos trabalhos publicados em periódicos internacionais (SIDONE; HADDAD; MENA-CHALCO, 2016).

nacionalmente com as realidades locais, sendo este um ponto de encontro com a linha 1 do Programa, além da possibilidade de aproximação entre estudos históricos da educação aos quais os docentes dessa linha se dedicam.

No entanto, identificamos como ponto de encontro entre a linha “Educação, Cultura e Diversidade” e o Núcleo de Estudos Eslavos trabalhos que se preocupam em visibilizar a diversidade cultural existente nesta região do Brasil, com pesquisas que partem do nível mais micro (experiências comunitárias e/ou locais) em direção ao macro definido pelo Estado brasileiro.

É interessante mencionar que o próprio Núcleo também produziu dois mapeamentos do contexto eslavo da região: *Cultura eslava no Centro-Sul do Paraná: mapeamento e catalogação de dados* e *Mapeamento do Patrimônio Imaterial Eslavo no Centro-Sul do Paraná*, os quais não abordam diretamente o conhecimento acadêmico, mas, sim, o da população residente, sua cultura e patrimônio, inclusive essenciais para que a Universidade possa lançar mão dos seus achados como dados. Além desses, mais estritamente vinculados ao Núcleo e aos seus docentes, realizou-se também na Unicentro o projeto “Acervo digital da cultura ucraniana: um projeto de cidadania, educação e cultura” que visa estratégias tecnológicas de recuperação e preservação do acervo cultural ucraniano. Observamos diferentes possibilidades de mapeamentos em diferentes níveis e espaços, cuja futura articulação igualmente poderia produzir um conhecimento mais interconectado, facilitando a reflexão das possibilidades de atuação e permitindo novas frentes de trabalho, inclusive em nível internacional. E ainda conseguimos vislumbrar que futuramente seria possível realizar um novo mapeamento, por exemplo, que levante os espaços de ensino de línguas de todos os grupos eslavos presentes no país.

4 DEZESCRITA COMO UMA METODOLOGIA DE ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA

Nesta segunda parte aplicaremos o mesmo método de apresentação de resultados feito no caso do mapeamento, o qual consiste em apresentar algumas conclusões depreendidas por meio da *dezescrita* (BARZOTTO; RIOLFI, 2014) de produção docente das duas linhas e do núcleo acima citado.

Levando em consideração as duas linhas de pesquisa e os trabalhos mapeados, 32% apresentavam trabalhos contemplando diretamente o ensino e as línguas junto com os estudos eslavos, enquanto essa porcentagem foi um pouco mais alta no caso do NEES, algo em torno de 43%. Esses números não devem ser levados como evidências desse tipo de produção, mas sim como dados indicativos da presença da temática linguístico-educacional na interpelação do eslavo. Já os outros 68% da produção das linhas, ou seja, 57% do núcleo está dividida entre assuntos que tocam o elemento eslavo de modo geral e, do outro lado do espectro, estudos sobre comunidades nas quais se sabe existirem eslavos, formando-se uma totalidade de produção acadêmica de interesse direto e indireto. Articulamos os resultados às seis categorias, baseadas na concepção da *dezescrita* e operacionalizadas por nós, as quais nos permitiram definir as características mais recorrentes nas pesquisas, condensando as observações de alguns trabalhos em que são abordados, simultaneamente, o ensino, as línguas e estudos eslavos.

Começamos com a categoria de localidade em que podemos diferenciar pesquisas que abordam comunidades, essa sendo uma categoria muito comum nos três grupos de produções docentes analisadas, apesar do fato de observarmos na linha 1 uma tendência maior a olhar para o contexto local de Guarapuava ou nacional, enquanto que na linha 2 e, especialmente, no Núcleo, identificamos pesquisas em diferentes comunidades eslavas da região, as quais o programa de pós-graduação e a universidade atende. Também encontramos algumas pesquisas, principalmente as que versam sobre história e literatura, nas quais são enfocados os países de origem e, em alguns casos, o local fica representado como *lugar perdido*, um espaço que existia quando os emigrantes saíram de suas pátrias ou deixou de existir no Brasil com a aplicação de políticas repressivas, como a da nacionalização dos estrangeiros do governo Vargas, bastante explicitada em estudos sobre políticas linguísticas. Encontramos também pesquisas que transformam os locais em patrimônios, dando-lhes importância coletiva em nível estadual ou nacional, assim, existe uma preocupação de preservar o local e não somente relatar o seu desaparecimento ou modificação. Mencionamos já os mapeamentos que, no caso de pesquisas pontuais, resultaram na detecção de localidades onde se falam determinadas línguas eslavas, mostrando os mecanismos de resistência e cultivo, recriando e transmitindo conhecimento geracionalmente. Nessa categoria, foi possível definir mais uma tríade que diz respeito também à abordagem que as realidades eslavas receberam, como estudos de caso, de comunidade e de instituições locais.

Nos estudos de caso são estudadas determinadas escolas ou cidades das regiões que receberam a imigração eslava, em especial as do Paraná, enquanto pesquisas de comunidades levam em consideração também as inter-relações entre grupos étnicos eslavos em determinados municípios ou as comparam no nível estadual. E, por fim, no que se refere às instituições locais, os docentes estudam as escolas, as igrejas, os faxinais e mais algumas outras entidades em que se realiza algum tipo de atividade de ensino/aprendizagem.

Passando para a temporalidade, podemos discorrer primeiramente sobre as abordagens gerais em que nos deparamos com pesquisas da atualidade em que são evidenciadas as situações do momento presente das comunidades eslavas e seu ensino, muitas vezes fazendo as retomadas históricas que resultaram no que se observa hoje. No caso daquelas que se preocupam com o passado, predominantemente no caso de estudos do campo da História, mas também de Políticas Linguísticas, os docentes procuram entender qual era o contexto histórico em épocas em que o ensino das línguas eslavas funcionava diferentemente, por meio de escolas étnicas ou modelos semelhantes. Em parte, esse tipo de estudo trabalha com conceito de transição utilizado para explicar as mudanças que teriam ocorrido na passagem das escolas étnicas para escolas estaduais com ensino de línguas eslavas, junto ao momento atual, no qual é possível notar mudanças de curto e médio prazo em que as línguas eslavas passam de meio de ensino para disciplinas pontuais optativas.

A área de Estudos Linguísticos apresenta várias pesquisas que tratam do que chamamos de *função educativa em transição*. Isso indica que existe uma abordagem do ensino das línguas eslavas historicamente marcada e ainda presente cuja principal característica é ser acompanhada por um episteme conceitual que possui linearidade temporal de *começo-meio-fim*. Aqui incluímos a situação de quilombos e faxinais em que também é possível perceber que existe uma forte tendência a apresentar a transição como um fenômeno de fim eminente e inevitável, pressupondo sempre a perda das culturas e línguas na contemporaneidade, ou seja, uma transição negativa, para sermos mais exatos. Em alguns casos, isso recebe a roupagem da hibridização ou em último caso de assimilação, utilizando-se os conceitos como *language shift* ou diglossia para indicar uma relação desigual da língua eslava com português como língua materna e com inglês e espanhol como língua estrangeira, quase sempre em detrimento do eslavo. Afirma-se, assim, algo que nas próprias comunidades já foi percebido e reconhecido como *senso comum*, contribuindo com uma articulação e discernimento melhor, porém, ainda sem muitos encaminhamentos propositivos sobre como melhorar a situação. Podemos observar que, no presente momento, ainda que faltem mais pesquisas, configura-se uma transição negativa em três momentos: a) monolingüismo na língua da imigração; b) bilingüismo desigual português e língua eslava; c) monolingüismo na língua portuguesa, configurando numa narrativa e embasamento epistemológico que parece guiar as pesquisas nessa área de conhecimento.

Nessa reflexão é também possível fazer uma abordagem de atitude epistemológica dos estudiosos no que diz respeito ao modo como organizam e analisam os dados. Portanto, definimos um processo descritivo da transição entre dois polos: fatos vivos e dados mortos. Assim, quando são feitas as pesquisas que envolvem o estudo de ensino de línguas eslavas, observamos que existe uma inclinação a tomar os *fatos-vivos* - realidades em que é observada a vitalidade dos fatos linguísticos e culturais eslavos e inseri-los em uma narrativa metodológica que os acaba transformando em *dados-mortos*, anunciando o desaparecimento daquele dado apreendido na pesquisa. Nesse sentido, a questão da temporalidade entra fortemente, ajudando na preconcepção de que comunidades consideradas tradicionais ou étnicas estão desaparecendo na atualidade. Por outro lado, a essa preconcepção epistemológica se opõe uma série de pesquisas que tentam mostrar que, apesar de muitas proibições, as línguas ainda continuam sendo ensinadas e estudadas, reforçando essa realidade como um fato ainda vivo que merece melhor compreensão e que permite articular possibilidades de reverter a própria transição. Essa discussão poderia ser empreendida para tratar de qualquer língua minorizada no Brasil e no mundo, pois, embora muito do legado linguístico e cultural tenha se perdido no tempo ou simplesmente se modificado, verificando-se certa aceleração dessa tendência no momento presente, pode-se aprender muito com as situações em que estratégias foram propostas e efetivadas para manter uma realidade linguística como fato, procurando evitar registrá-la somente como um dado em discurso acadêmico.

Em relação aos conceitos, detectamos os já mencionados conceitos-base presentes nos trabalhos selecionados, tais como o tempo, a história, a tradição, a etnicidade, o eslavo e o imigrante para os quais não vimos muita elaboração teórica e referencial. Já no caso de conceitos-referência, observamos que cada área de conhecimento: história, linguística, literatura, turismo e sociologia olham para os fenômenos com seus referenciais, que no caso da linguística, turismo e sociologia tendem a lançar mão de estudiosos internacionais e em parte nacionais, ao passo que os da literatura, história e sociologia mostram uma prevalência dos pensadores

nacionais. Não podemos deixar de mencionar que a área para a qual observamos uma maior quantidade e diversidade de conceitos-referências e seus autores é a da linguística. Mais uma observação a ser feita sobre essa categoria é que encontramos uma possível divisão entre as pesquisas em que notamos uma tendência a uma aplicação mais direta das referências sobre a realidade observada.

Normalmente se tratam de pesquisas “derivadas”, das quais falaremos na sequência, em que os autores preferem utilizar os conceitos referências construídos pelos autores das pesquisas chamadas “clássicas”, utilizando conceitos como *language shift*, ou mudança linguística, para descrever a situação do ensino (in)formal do ucraniano, ou perda linguística, quando se discute a situação linguística polonesa. Citamos essas duas línguas, pois são as que foram mais estudadas e as que efetivamente ainda são faladas nas comunidades eslavas na região que compreende a atuação da Unicentro. Com relação aos ucranianos, é mais comum encontrarmos pesquisas que utilizam os conceitos supracitados que indicam que língua ainda é falada e ensinada, mas que na atualidade os seus falantes apresentam muitos momentos em se percebe essa mudança entre as duas. No caso do polonês, mesmo que existam comunidades onde a língua continua bem presente, nota-se uma maior prevalência de pesquisas que mostram a sua substituição pelo português. Em ambos os casos também há uma maior ocorrência do fenômeno do dado-morto, uma vez que os conceitos referência são usados para confirmar um pressuposto epistemológico metodológico que não exige uma relação dialógica entre o dado e a teoria, pois o primeiro fica em detrimento do segundo.

Por outro lado, temos produções docentes mais comuns para pesquisas “derivadas” ou aquelas que fazem leitura crítica das clássicas em que os conceitos-referência surgem mais diretamente do *corpus* observado, uma vez que não são utilizados para confirmar a hipótese, mas são reelaborados de acordo com o que se observou *in loco*. Podemos concluir que esse tipo de pesquisa forma os seus conceitos a partir de uma regressão em que se revisitam as considerações teórico-metodológicas iniciais, repensando-as e permitindo que fiquem mais próximas do que se observa. Isso incide diretamente sobre as metodologias utilizadas nas pesquisas, nas quais não encontramos elementos que poderíamos chamar de mais originais para o contexto eslavo observado, exceto em casos em que se estudam comunidades e fenômenos específicos do Brasil, por exemplo, no caso dos quilombos ou faxinais ou no das escolas étnicas e falares eslavo-brasileiros locais.

Por fim, chegamos à bibliografia e ao modo como os docentes acionam as pesquisas e estudos na elaboração dos seus trabalhos, em que podemos citar a existência de um binômio, já mencionado: produções clássicas/produções derivadas. As consideradas clássicas são de pesquisadores e referências entendidas como a base esperada e, até certo ponto, exigida quando se estuda algo relacionado aos eslavos e ao ensino. Diferentemente das primeiras, as produções derivadas são justamente aquelas que se referem ao clássico, isto é, já consolidado e reconhecido pela comunidade acadêmica. *Descrever* os trabalhos derivados exige, obviamente, passar por mais níveis de leitura e referências, mas também pede que o trabalho diversifique mais a sua metodologia e construção de conceitos-referência. No caso de estudos eslavos, por ser uma área ainda nova, identificamos poucos trabalhos que possam ser definidos como clássicos, esses ainda pertencendo à produção de outros locais (inter)nacionais. Alguns casos mais contundentes foram encontrados na área de história e linguística, nos quais já existem obras citadas em diversas produções derivadas, uma tendência a aumentar ao longo do tempo e nelas também encontramos mais bibliografia em outras línguas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Proporcionamos, neste artigo, uma proposta de abordagem de produção universitária e discurso acadêmico em que trabalhamos especificamente com estudos eslavos e ensino de línguas cuja relação recebeu pouca atenção no Brasil. Ela consistiu na apresentação de uma metodologia de mapeamento dessa produção, enfocando a produção docente de um programa e um núcleo de estudos que atuam em uma região onde existem muitas comunidades com população eslava, nomeadamente polonesa e ucraniana. Acreditamos que este trabalho e sua metodologia poderão ser facilmente adaptados a outras demandas/áreas, além de poder oferecer ferramentas para uma reflexão mais crítica da circulação de conceitos e teorias, por meio da interlocução do local, nacional e internacional. Entendemos que ter uma (auto)reflexão bem organizada e incorporada na formação do corpo discente constitui-se de um elemento fortalecedor da cultura universitária, da sua diversificação e da capacidade da universidade pública de sustentar o seu trabalho por meio do ensino, da pesquisa e da extensão.

Nesse sentido, saber o quem, como e quando do discurso acadêmico nesse ambiente poderá ser também elemento integrador da comunidade universitária e ajudar a pensar frentes de atuação que elevem mais ainda sua qualidade (inclusive das avaliações internas e externas) das instituições, seus cursos e programas de pós-graduação. A possibilidade de diálogo por meio da interlocução com o eslavo nos parece posicionar à Unicentro em uma posição singular no cenário brasileiro⁷ e até latino-americano e, portanto, privilegiada. Privilegiada no sentido de poder ser uma entrada mais fácil para a dimensão internacional, já que o Brasil, como outros países de extensão continental, apresenta uma predominância da produção nacional, o que Sidone; Haddad; Mena-Chalco (2016, p.18) explicam pela sua dimensão territorial continental e pelo elevado número de pesquisadores nesses países que “[...] podem favorecer a busca por parceiros dentro dos limites territoriais nacionais, uma vez que a ultrapassagem das fronteiras necessita percorrer distâncias geográficas enormes”.

Na parte do levantamento, reunimos, organizamos e classificamos a produção docente do Programa de Mestrado⁸ em Educação da Unicentro e do Núcleo de Estudos Eslavos da mesma instituição, de acordo com as suas características estruturais, complementada com alguns elementos bibliométricos (pesquisas propositivas/reflexivas) e também alguns cientométricos. Assim, em seguida, procuramos identificar as especificidades e singularidades das duas linhas e do núcleo de estudos, que demonstram uma grande variedade de temas, ora posicionados no nível local (abrangendo a região de atuação mais direta da Unicentro) e regional, ora partindo para a exploração de vínculos internacionais com os países eslavos mais presentes no Paraná (ucranianos e poloneses). Após isso, nos encaminhamos para a aproximação dos três agrupamentos para compreender como poderiam se articular a partir de temas e tendências teórico-metodológicas em comum, tendo como base a proposta de Bourdieu (2002) que em toda a produção acadêmica existe um *export-import* de ideias a depender das necessidades e das proposições.

Na sequência, procedemos à análise do discurso da produção acadêmica mapeada, percebendo a existência da tendência a abordar os dois temas pela ótica da mencionada *transição negativa*, separando os estudos em aqueles pertencentes a uma temporalidade em que os fenômenos abordados já não existem mais (*dado-morto*) e outros àquela em que o fenômeno ainda continua presente no momento (*fato-vivo*). Isso abre possibilidades de realização de outros trabalhos, os quais poderão fazer uma reflexão sobre a tendência de *transição negativa* em que atitudes epistemológicas iniciais e as análises das realidades eslavas brasileiras posteriores indicam como “natural” o caminho de perda e de desaparecimento das línguas e culturas como única possibilidade. No que diz respeito ao espaço, podemos notar um forte enfoque em espaços discursivos das comunidades da região, retomando os países de origem como *pano de fundo*, ou seja, marco zero a partir do qual se constitui a história da determinada comunidade eslava que se instalou no Brasil. Assim, as pesquisas ainda são predominantemente discursivamente focadas no cenário estadual e das mesorregiões paranaenses que a universidade atende.

Ao analisarmos o referencial conceitual, notamos uma divisão entre as pesquisas clássicas e derivadas, nas quais exploramos os modos como pesquisadores retomam estudos feitos previamente para constituir suas pesquisas e, conseqüentemente, as próprias análises. Percebemos que ainda não existem muitas pesquisas clássicas, no sentido de serem amplamente citadas, consultadas e repensadas, enquanto as pesquisas derivadas ainda utilizam predominantemente terminologia construída fora do país. Somos de opinião de que futuramente seria interessante uma discussão mais pormenorizada da relação entre os dois tipos de publicações e seus quadros referenciais. Porém, notamos que os fenômenos mais locais, mais brasileiros, como a existência de quilombos, faxinais e comunidades rurais eslavos oferecem reflexões e propostas conceituais novas, mais próximas do *corpus* estudado.

Terminamos com a análise da bibliografia, a qual mostra que a maioria dos trabalhos são publicados em língua portuguesa, com algumas exceções. Observamos que alguns trabalhos começam a ser publicados em línguas estrangeiras nos últimos dois anos, um fenômeno decorrente da maior colaboração institucional da universidade pesquisada com outras universidades eslavas e de outros contextos internacionais, o que acompanha a tendência mundial de incremento de colaboração com docentes fora do país.

⁷ Privilegiada no sentido de poder ser uma entrada mais fácil para a dimensão internacional, contrapondo-se aos fatos intrínsecos como a dimensão territorial continental e o elevado número de pesquisadores nesses países que favorecem a busca por parceiros dentro dos limites territoriais nacionais, uma vez que a ultrapassagem das fronteiras necessita percorrer distâncias geográficas enormes.

⁸ Importante destacar que no momento que o estágio pós-doutoral foi realizado (entre março de 2018 e março de 2019) o programa ainda contava somente com o mestrado, sendo que, a partir de 2021, passa a contar também com o doutorado, representando um novo momento para a instituição.

Nesse sentido, por meio desta pesquisa em que o ambiente eslavo se apresenta como um campo de trabalho, pudemos destacar a necessidade de análise do discurso acadêmico, suas fragilidades e potencialidades com vistas à construção de uma produção do conhecimento específica. Isso porque, além de pensar no impacto de seus resultados no ensino de línguas e na formação docente, ela conseguirá aliar o local e o global, por meio de publicações internacionais e parcerias acadêmicas e, com isso, ampliar possibilidades de criação e efetivação de novos tipos de ações de internacionalização mais conscientes do seu entorno e patrimônio mais imediatos e mais propositivas nas suas políticas institucionais e educacionais.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, G. B.; FINARDI, K. R. Internacionalização do ensino superior e línguas estrangeiras: evidências de um estudo de caso nos níveis micro, meso e macro. *Avaliação* (Campinas), Sorocaba, v. 22, n. 3, p. 614-632, dec. 2017.
- BARZOTTO, V. H.; RIOLFI, C. R. Apresentação. In: BARZOTTO, V. H.; RIOLFI, C. R. (org.). *Dezescrita*. São Paulo: Paulistana, 2014. (Coleção Sobrescrita).
- BOURDIEU, P. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 5, n.145, p. 3-8, 2002.
- BOURN, D. From Internationalization to Global Perspectives. *Higher Education Research & Development*, v.30, n. 5, p. 559-571, 2011.
- BRESSER-PEREIRA, L. C. Nacionalismo no centro e na periferia do capitalismo. *Estud. av.*, São Paulo, v. 22, n. 62, p. 171-193, Apr. 2008.
- BOHUNOVSKY, R. (org.). *Ensinar alemão no Brasil: Contextos e Conteúdos*. Curitiba: Editora UFPR, 2011.
- CHAUÍ, M. A universidade operacional. *Revista da ADUNICAMP*, Campinas, ano 1, n. 1, jun. 1999.
- CROSS, D.; THOMSON, S.; SIBCLAIR, A. *Research in Brazil: A report for CAPES*. Clarivate Analytics. Clarivate Analytics, 2018.
- FERREIRA, N. S. A. Pesquisa em leitura: Um estudo dos resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, de 1980 a 1995. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1999.
- FERREIRA, N. S.A. As pesquisas denominadas "estado da arte". *Educ. Soc.*, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, aug. 2002.
- LEASK, B. Using Formal and Informal Curricula to Improve Interactions Between Home and International Students. *Journal of Studies in International Education*, v. 13, n. 2, p. 205-221, 2009.
- LOURENÇO, C. A. Automação em bibliotecas: análise da produção via Biblioinfo (1986/1994). In: WITTER, G. P. (org.). *Produção científica*. Campinas: Átomo, 1997. p. 25-40.
- MUKAI, Y.; JOKO, A. T.; PEREIRA, F. P. (org.) *A Língua Japonesa no Brasil: reflexões e experiências de ensino e aprendizagem*. Campinas (SP): Pontes Editores, 2012.
- PACKER, A.. *A visibilidade dos Periódicos do Brasil [online]*. SciELO em Perspectiva, 2014. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2014/11/05/a-visibilidade-dos-periodicos-do-brasil/> Acesso em: 10 fev. 2019.

POPPER, K. R. *A miséria do historicismo*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1980.

SIDONE, O. J. G.; HADDAD, E. A.; MENA-CHALCO, J. P. A ciência nas regiões brasileiras: evolução da produção e das redes de colaboração científica. *Transinformação*, Campinas, v. 28, n. 1, p. 15-32, apr. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010337862016000100015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 fev. 2019.

SPERA BARALDI, H.. Avaliação da produção científica em Ciências Sociais e Humanas: revisão da literatura recuperada em base de dados e rede de autores. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2017.

SPINAK, E. *Diccionario enciclopedico de bibliometria, cienciomtria e informetria*. Caracas: Unesco, 1996.

TEIXEIRA, F; OLIVEIRA, M. (org.) *Neoliberalismo e reestruturação produtiva: as novas determinações do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1998.



Recebido em 27/11/2019. Aceito em 30/07/2020.